



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

A posição do Brasil na América

(DISCURSO PRONUNCIADO NA ILHA DO
VIANA, AO REALIZAR-SE A HOMENA-
GEM DA FEDERAÇÃO DOS MARÍTIMOS,
A 29 DE JUNHO DE 1940)

SUMARIO

Os 100.000 associados da Federação dos Marítimos e a constante disposição dos trabalhadores brasileiros a apoiar o Govêrno — Sôbre as palavras de sinceridade e previsão patriótica proferidas no “Dia da Marinha” — Motivos para reafirmar os conceitos dessa oração — Velhas raposas da politicagem, boateiros e descontentes falhos de dignidade cívica, prestando-se à exploração dos agentes da perturbação internacional — O dever de não deixar que o nosso povo se iluda ou seja induzido a erros de puro sentimentalismo — O Brasil e a guerra — Estrita neutralidade, ativa e vigilante, na defesa do Brasil — Fidelidade brasileira ao ideal de fortalecer, cada vez mais, a união dos povos americanos — Respeito às soberanias nacionais e à liberdade de se organizarem, politicamente, segundo as suas tendências, interêsses e necessidades — A posição dos homens de trabalho no regime presente.

Senhores: Esta homenagem da Federação dos Marítimos, legítima expressão da vontade de seus 100.000 associados, que mourejam no mar, nos estaleiros e serviços portuários, compartilhada por outros grupos profissionais, muito me reconforta, porque renova a solidariedade que sempre encontrei entre os trabalhadores brasileiros, dispostos, agora mais do que nunca, a apoiar o Governo, num momento de inquietação e apreensões, em que é necessário o máximo de vigilância e a coragem serena de definir os rumos da nacionalidade.

Foi, para mim, grande satisfação verificar que compreendestes as palavras de sinceridade e previsão patriótica que dirigí à Nação no "Dia da Marinha", emprestando-lhes o sentido que lhes dei — de um toque de alerta em face das duras lições dos dias presentes, que impõem aos povos a mobilização de todas as suas energias, para não se deixarem surpreender ou arrastar pelos acontecimentos.

Chamei a atenção dos brasileiros para as transformações que se operam no Mundo e ante as quais não podemos permanecer indiferentes, mais preocupados em lamentar as irremediáveis desgraças alheias do que em cuidar dos nossos superiores interesses; reafirmei os nossos propósitos de colaboração pacífica e solidariedade com os povos irmãos do Continente, cujos destinos se identificam com o nosso pelos vínculos de formação histórica e idênticas aspirações de progresso; mostrei a necessidade de fortalecermos o país econômica e militarmente; quis, finalmente, fazer ver, com o exemplo dos

fatos, que o regime de 10 de novembro, sendo uma consequência do ajustamento e equilíbrio das nossas forças sociais, é, também, o que mais se adapta às circunstâncias da vida contemporânea.

Foi bem claro, no pensamento e na forma, o meu discurso daquele dia memorável. E não é com o comentário falseado e a publicação tendenciosa de frases isoladas que se pode interpretá-lo. Não volto atrás, não me retrato de nenhum dos conceitos emitidos. Antes, só tenho motivos para reafirmá-los integralmente. As velhas raposas da politicagem, os boateiros contumazes, os descontentes incorrigíveis, falhos de dignidade cívica, e, mesmo, alguns espíritos de boa fé que pretenderam agitar o ambiente, não perceberam, talvez, que se prestavam à exploração dos agentes de perturbação internacional, pagos para fomentar dissídios a serviço de ódios e objetivos inconfessáveis. E' fácil descobrir e identificar êsses elementos nocivos entre os aproveitadores de todos os tempos, os preparadores de guerras, os sem pátria, prontos a tudo negociar, e os que, tendo-a, não sabem defendê-la. Muitos dêles, indesejáveis noutras partes, infiltraram-se clandestinamente no país, com prejuízo das atividades honestas dos nacionais, e, abusando da nossa hospitalidade, fazem-se instrumento das maquinações e intrigas do financismo cosmopolita, voraz e sem escrúpulos. A êsses não me dirigí, certamente. Falei aos brasileiros e aos que se sentem no Brasil como na própria pátria; e tenho a certeza de que os acontecimentos se incumbiram de tornar ainda mais evidentes as minhas afirmações.

Responsável direto pelo futuro do nosso povo, não tenho o direito de deixá-lo iludir-se ou induzí-lo a êrros de puro sentimentalismo. Disse um grande pensador que não é possível servir, ao mesmo tempo, ao dever e à pai-

A POSIÇÃO DO BRASIL NA AMÉRICA

xão. Quem se deixa dominar pela paixão perde o senso da realidade, obscurece os fatos mais notórios e acaba arrastado aos maiores desvarios. E' preciso encarar as imposições da realidade com ânimo sereno e repudiar as opiniões apaixonadas, se quisermos salvaguardar o futuro da Pátria, pois não a servem, não servem ao seu dever, os que pretendam lançá-la à fogueira dos conflitos internacionais. Não há, presentemente, motivos de espécie alguma, de ordem moral ou material, que nos aconselhem a tomar partido por qualquer dos povos em luta. O que nos cumpre é manter estrita neutralidade, — neutralidade ativa e vigilante, na defesa do Brasil. Ninguém pode dominar a consciência alheia, e, em consciência, cada qual pode ter as suas simpatias; mas a obrigação de todo brasileiro patriota é conduzir-se de modo a preservar o Brasil da guerra. E' indispensável ver claro e evitar a triste sorte dos povos que fazem como os avestruzes, que escondem a cabeça sob as asas, supondo que, com essa atitude passiva, dominam as tempestades.

Sòmente pela paz e pela união de todos conseguiremos construir o nosso engrandecimento e formar uma grande e poderosa nação, sem temer e sem dar às outras nações motivos de receio. Podem os brasileiros continuar entregues às suas atividades, certos de que o Governo manterá a ordem e assegurará a tranquilidade necessária ao trabalho e ao desenvolvimento das nossas fontes de produção e meios de comércio.

Vivemos num continente de civilização jovem, em que a luta mais árdua é ainda a do aproveitamento dos abundantes recursos que a Natureza nos oferece. Habitados a cultivar a paz como diretriz de convivência internacional, continuaremos fiéis ao ideal de fortalecer, cada vez mais, a união dos povos americanos. Com êles

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

estamos solidários para a defesa comum em face de ameaças ou intromissões estranhas, cumprindo, por isso mesmo, abster-nos de intervir em lutas travadas fora do Continente. E essa união, essa solidariedade, para ser firme e duradoura, deve basear-se no mútuo respeito das soberanias nacionais e na liberdade de nos organizarmos, politicamente, segundo as próprias tendências, interesses e necessidades. Assim entendemos a doutrina de Monroe e assim a praticamos. O nosso pan-americanismo nunca teve em vista a defesa de regimes políticos, pois isso seria atentar contra o direito que tem cada povo de dirigir a sua vida interna e governar-se. Fomos um Império e somos, hoje, uma República, sem que a mudança de regime nos afastasse dessa política de cooperação, que é uma tradição da nossa história.

Trabalhadores: Sois elementos de colaboração eficiente na obra de reconstrução a que nos devotamos. Na paz, juntais o vosso esforço ao de todos os brasileiros, para desenvolver e consolidar o progresso nacional: na guerra, como reserva das fôrças militares, tereis o vosso lugar em suas fileiras, quando as circunstâncias exigirem a repulsa, pela fôrça, contra qualquer atentado ao nosso patrimônio moral e material.

Os homens de trabalho têm no regime vigente uma posição definida e sabem corresponder às responsabilidades dessa posição, mantendo-se coesos e repudiando tudo quanto possa comprometer os nossos brios cívicos e ameaçar a segurança da unidade nacional. Tenhamos, portanto, confiança no futuro, e preparemo-nos, com ânimo varonil, para cumprir o nosso destino de construtores de uma nova civilização, sempre mais irmanados no pensamento e na ação, dispostos a correr os mesmos riscos e sofrer as mesmas vicissitudes, porque é um dever e uma honra o sacrifício pela Pátria.